

O Solar da Madalena

— Jansen Leiros

O casarão da rua Cel. Maurício Freire foi erguido por volta de 1915/17, sob a responsabilidade do Mestre Carneiro. Edificação sólida. Arquitetura em "art nouveau". A rua onde está situado, é denominada pelo povo, ainda hoje, rua do Pernambuquinho, pois, no final do século passado, famílias abastadas provenientes de centros mais adiantados, instalavam-se em Macaíba para desenvolverem suas atividades comerciais e ali, naquela rua, instalou-se a família Freire, vinda de Pernambuco, cujo patriarca era o Doutor Joaquim Teotônio Freire, que denominou o lugar onde estava encravada sua propriedade - a Fazenda Canavial - de "Pernambuquinho". Dos filhos do Doutor Joaquim Teotônio, somente Manoel Maurício Freire ficou residência em Macaíba, tornando-se político de nomeada. Na primeira década do século tornou-se chefe político, e sua hegemonia local estendeu-se por quase cinquenta anos, até sua

morte em 1928, quando o município passou para o domínio do Sr. Alfredo Mesquita, avô do atual Deputado Estadual, Valério Alfredo Mesquita.

Contam os registros históricos que, nos idos de 1915, o Governo Estadual contratara um arquiteto estrangeiro para projetar um sobrado que seria edificado em terras do Estado, no lugar denominado Jundiá, no município de Macaíba, quatro quilômetros rio acima. Ainda hoje, quem vai à vila de Jundiá, pode ver o belo sobrado colonial, exibindo seu teto em ardósia.

Manoel Maurício Freire, acima referido, chefe político situacionista, tendo acesso às obras do governo, ficou maravilhado com o estilo do sobrado, e desejou modificar sua casa, sede da Fazenda Canavial, na rua do Pernambuquinho. E assim o fez!

Naquela época, a fazenda era sede de sua residência. Estendia-se da rua do Pernambuquinho, até a Pajussara. Assim eram os

domínios da aristocracia rural, no início do século.

A cem metros dali, para o sul, ficava o porto da Madalena, alternativa de embarque e desembarque em Macaíba, quando da maré baixa.

A origem da denominação do porto, ninguém o sabe com certeza. Porém, os mais antigos, nos falavam de uma escrava alforriada que chegou à cidade, e construiu, sozinha, pequena tapera de taípa, nos arredores do porto. Assim, aquelas cercanias ficaram conhecidas como "Casa da Madalena", depois, "Porto da Madalena" e, simplesmente "Madalena".

Em razão disso, o casarão de "Neco Freire", passou a ser denominado pelos amigos, que o visitavam por ocasião das festas da Jabuticaba, como o "Solar da Madalena", por considerá-lo símbolo da aristocracia rural, segundo anotações do Mestre Câmara Cascudo, de quem o coronel era contra-parente, pois o historiador casara-se com uma das filhas de

Teotônio Freire, irmão do coronel Neco Freire.

Manoel Maurício faleceu em 1928. O casarão continuou sendo residência de seus descendentes até 1940.

Quando nasceu minha irmã Natércia, morávamos no Solar, então de propriedade de Crinaura Freire, neta do coronel. Naquela época, era sem dúvidas a mais nobre e importante edificação da cidade. Papai, Aginaldo Ferreira, que fora criado pelo velho Neco Freire, crescera ali, onde vivenciou uma experiência tão profunda, que marcaria sua personalidade.

O fausto em que viviam as famílias abastadas, dava ao casarão ares palacianos. Esse era seu retrato até os anos quarenta. Porém, no período da II Guerra, a capital norte-rio-grandense começou a crescer e essa circunstância foi decisiva para o declínio da cidade que era, até então, expressivo centro comercial e, sem em-

bargo, também cultural. Tudo mudaria! O casarão, aos poucos, foi-se eclipsando e as marcas do tempo traçaram-lhe novo perfil.

Foi algumas vezes alugado e tais locações resultaram danosas.

Em 1942, havíamos sido obrigados a nos instalar na cidade, indo morar na rua Prudente Alecrim. A Fazenda Canavial, partilhada entre os herdeiros, sofrera um retalhamento muito grande. O casarão foi isolado do corpo da propriedade e ficou compreendendo, tão somente, a pedreira e a área do sítio - a Madalena. Naquela época o Dr. Enock Garcia, tornou-se seu locatário.

O sonho de meu pai, entretanto, era voltar ao mundo de sua infância. Nada o podia demover desse intento. Realizou esse sonho. Em 1955, comprou o casarão e a área circunvizinha, de 3,6ha. até hoje existente.

Retornamos ao Solar da Madalena nos idos de 1955.

Nos anos sessenta (60), por

questões de saúde, nossa família foi obrigada a residir em Natal.

Nessa época, eu morava no Rio de Janeiro e não alimentava planos de retornar. Porém, em 1973, por várias razões de ordem pessoal, voltei. E, estando aqui, não poderia entender como continuar ausente daquele casarão. Fixei objetivos! Estabeleci metas! Em 1985, entrei de corpo e alma naquele casarão colonial, lutando contra as teias de aranha, ratos e morcegos. Restaurei-o, adaptando-o às condições da vida moderna, sem entretanto desfigurá-lo em suas linhas arquitetônicas. Hoje, o "Solar da Madalena" voltou a impor-se como lembrança viva de um passado digno de registro na história do Rio Grande do Norte. Ali vivo feliz, num mundo que ajudei a recriar e que conservo com todo o amor que DEUS me permite ter.

Esta é a história do SOLAR DA MADALENA, meu berço, minha vida, meu orgulho.